Centro das Artes em cinco atos

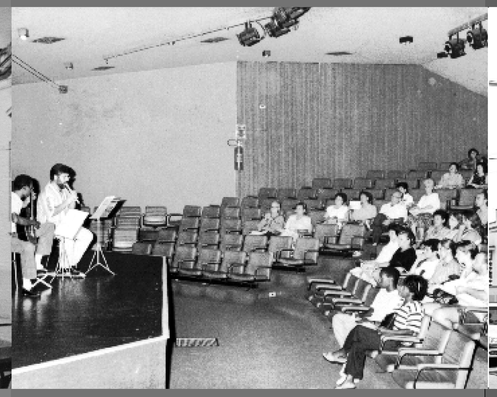
ATO 01 〉 ATO 02 〉 ATO 03 〉 ATO 04 〉 ATO 05

CENA I

Nos 367 anos de Jundiaí, a cidade comemora, com entusiasmo, ao devolver à população um de seus mais representativos, elegantes, queridos e efervescentes espaços culturais... o Centro das Artes! Trata-se de um patrimônio permeado de história. Sua pedra fundamental foi lançada em 5 de março de 1933 e sua inauguração oficial ocorreu em 16 de junho de 1934. Certos estão aqueles que comparam sua preciosa trajetória aos dramas de uma ópera. Em seu primeiro ato, a edificação nasce marcada para ser bem mais do que o Mercado Municipal e a sede da primeira Festa da Uva (janeiro/fevereiro de 1934). Afinal, foi projetado pelas circunspectas mãos do engenheiro Antônio Mila e do arquiteto Rino Levi, materializando-se como símbolo da arquitetura moderna de uma cidade em busca da modernidade.

CENA I

Em seu segundo ato, converteu-se rapidamente num centro de confluência cultural. Em meio ao comércio de frutas, verduras, carnes, penduricalhos, serviços e vaivém de carroças e parcos caminhões, pulsam barganhosas falas, árias e expressões corporais das trabalhadoras e trabalhadores, crianças, fregueses, políticos e intelectuais.



CENA I

O terceiro ato é marcado pelos descaminhos que impelem o entreposto ao ostracismo e à tragédia em poucas décadas. A Festa da Uva, agigantada, conquista só para si o Parque Comendador Antônio Carbonari. E a expansão urbana, industrial e populacional do Município tornou obsoleto o espaço para seus fins comerciais, tornando-se um depósito municipal. Mutilado, com fraturas expostas, encontrou esperança de nova fortuna na revitalização da área central, empreendida na segunda gestão do prefeito Pedro Fávaro (1977 – 1983). Recuperado, transformou-se num centro de convivência e cultura em março de 1981, o Centro das Artes. Teatro, Música, oficinas e produções locais, entre outras tantas atividades, tinham agora um lugar para chamar de seu: a Sala Glória Rocha, com capacidade para aproximadamente 380 lugares, projetado pelo arquiteto Antonio Fernandes Panizza. Até ser devorado por quase completo pelas chamas de um incêndio acidental em outubro de 1982.

A estrutura em lamento de fúnebres tons cinzentos assim permaneceu até 1985. Num ambiente de retorno ao regime democrático e de maléfica inflação, a primeira administração André Benassi (1983 – 1988) ressuscitou e modernizou suas instalações sob o comando do arquiteto Paulo Sérgio de França Silveira.

CENA I

Três décadas se passaram até novo fechamento para necessárias reformas estruturais. O tempo fez com que o vazio material e existencial substituísse a confiança. Desorientada política pública cultural, projetos técnicos de alcances duvidosos e cizânias judiciais o apartaram novamente da cidade. E o povo assistiu, bestificado, o cerramento das cortinas do palco que abrigou madame Fernanda Montenegro, e o Grupo Tarancón; o Enredança, as intimistas apresentações musicais e as peças de teatro, entre tantas ações culturais.

CENA I

Este quinto e último ato é marcado por uma miscelânea de lamúrias, posicionamentos bélicos, expectativas e silencioso trabalho. Desde 2017, a Prefeitura de Jundiaí, por intermédio da Unidade de Gestão de Cultura (UGC) e da Fundação Casa da Cultura e Esportes, coordenou intensa conjunção de esforços técnicos, jurídicos, administrativos e financeiros. Fiel às suas políticas públicas culturais, a municipalidade devolve aos jundiaienses o Centro das Artes.

A Prefeitura decidiu rebatizar o espaço. Em justa e merecida homenagem, a estrutura - renovada em conceitos, instalações, beleza e finalidades -, volta à cena com o nome de Centro das Artes "Prefeito Pedro Fávaro". Um humanista apaixonado por Cultura, Ciência e Política. E também pela boa poesia - como a do Grupo Tarancón, que tão bem define o espírito deste lugar historicamente modernista, democrático e vanguardista:

Oh a lua é a lua das princesas
E com mais certeza será dos garis
Dos cantores, dos trabalhadores
Será dos atores quando a noite cair

Bem-vindos a mais um grande espetáculo!